

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Confederação Geral do Trabalho

Editor — Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.141

Quarta-feira, 16 de Agosto de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tnhaba-Lisboa\*Telefones 5339-6

Officina de impressão — Rua da Atalaia, 111 e 113

Não há razão para que se mantenha por mais tempo uma censura que nunca devia ter sido posta em pratica.

## AO OPERARIADO DE LISBOA E ARREDORES

### DEVEIS RETOMAR O TRABALHO

Após quasi duas semanas de luta, em que demonstrásteis um belo espirito organico e de protesto, sacrificando-vos economicamente para que se abolisse o novo regimen cerealifero, — deveis retomar o trabalho, porquanto o protesto ficou exuberantemente demonstrado!

A maior eloquencia deste protesto verificou-se ontem tendo em vista que sem pudermos reunir e sem «A Batalha» foi possível uma nova greve, apesar da suspensão de garantias, — medida esta que pudemos considerar infantil!

porquanto não evitou que os nossos protestos se realizassem.

Este Comité, ao terminar o seu mandato, saúda entusiasticamente todos os operários conscientes que cumpriram sem preocupações de sacrificios as determinações emanadas deste Comité.

Ao mesmo tempo lembra também que a Comissão pró-barateamento da vida, irá novamente entrar no uso das suas funções; e ao operariado compete ainda estar alerta, porquanto é parecer deste Comité que só com muita energia a parte de todos os consumidores, conseguiremos opôr uma barreira à desenfreada ganancia dos exploradores da miséria do povo!

A Comissão de demarches anda no complemento dos seus trabalhos, e compete ainda ao operariado seguir com atenção o resultado final a que se deverá chegar.

Tem este Comité tido dificuldades em tornar públicas todas as fases porque tem passado o movimento, pela razão da censura imposta à imprensa e muito especialmente à Batalha, no entanto em terminando este estado de guerra, a Batalha explicará tudo o que se passou.

A comissão de demarches e outras tratarão, ainda, da libertação dos presos, reabertura da C. G. T., U. S. O., e diversos organismos que se encontram encerrados.

VIVA A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA!  
VIVA O OPERARIADO CONSCIENTE!

Lisboa, 15 de Agosto de 1922.

O Comité Central.

## Ao terminar o movimento

Poucas palavras — a ver se passam...

E' cedo ainda para falar do grandioso movimento que vem de ser feito em Lisboa, arredores e outros pontos do país.

Ignoramos mesmo se estas poucas palavras sairão a público, visto o excessivo rigor da censura sobre este jornal especialmente exercida.

Não podemos ainda comunicar aos nossos camaradas e leitores o muito que há para dizer. Certo, não só o poderemos fazer depois que as garantias sejam respeitadas, pois nestes momentos, em que nem sequer a vida se tem garantida, nada se pode dizer de que sejam verdadeiras.

No entanto diremos desde já — se nos deixarem... — que este movimento teve o seu maior valor pela espontaneidade das massas operárias. E este facto é bastante sintomático e revela bem quanto elas sofrem com este mal estar social e económico e quanto estão dispostas a uma acção mais conforme com as necessidades de se fazer respeitada por quem até agora só delas se tem lembrado para as sobrecarregar com encargos directos e indirectos.

Os governantes, do deliberativo e do executivo, não poderão do futuro tratar com a classe operária pela forma como trataram

agora. Não. É já tempo de não confundir as massas que trabalham, que produzem as utilidades para satisfação das necessidades da sociedade, com massas de disculos, de desordeiros, só porque manifestam vontade de que a sua saúde e a sua vida não sirvam de joguete nas mãos de castas sôfregas e ambiciosas.

Mas... vamos ao caso: terminando como está o movimento, do qual se fará a história no seu devido tempo, a serenidade deverá voltar aos espiritos daqueles que, supondo lançar baldes de água num incendio, nada mais fizeram senão contribuir para que a labareda mais se ateasse.

Quando se fizer a história deste verdadeiro facto ver-se-há se temos ou não razão do que apenas apontamos, neste momento em que nem sequer sabemos se isto — que nada tem de subversivo e de revolucionário — se poderá dizer.

Vai-nos na alma um infinito desgosto por tudo quanto aconteceu e acontece neste país desgraçado e neste momento. Já mais se viu que, precisamente quando o povo clama unicamente por que lhe forneçam pão — notem bem: pão! — quem está encarregado da direcção do mesmo povo lhe mande dar espadadeiras e tiros.

Note-se que já nada diríamos se as espadadeiras e tiros fossem dados em luta nas ruas. Mas acontece que quem as recebia, em regra, era o povo indefeso que estava na praça pública como simples espectador ou que transitava desprevenido nas ruas.

Mas, enfim, fiquem tudo isto para ser apreciado noutro momento.

Os parlamentares que representam as várias correntes políticas na câmara dos deputados, quando procurados pela comissão operária de demarches, declararam que estavam prontos a tratar do novo a questão desde que o movimento cessasse, para que não houvesse a impressão de que o parlamento obedecia à coacção da greve.

Em vista disso foi o movimento dado por terminado. Que farão agora esses parlamentares?

Não sabemos. Ou, melhor: é fácil que nada deliberem, tanto mais que está prestes a encerrar-se o parlamento.

E, depois? Depois lembraremos que o povo não pode ser esquecido, este povo que só é soberano nos dias de eleições, mas que é depois magostosa e soberanamente esmagado.

E, por hoje...

### NOTAS & COMENTARIOS

**A BATALHA** — Devido à demora que os jornais sofrem causada pelo odioso regime da censura prévia, e a fim dessa demora não originar a perda dos correios, ainda hoje a Batalha se publica apenas com duas páginas, esforçando-nos por conseguir que de amanhã em diante voltemos às saídas quatro páginas.

**Boa idea** — Alguém teve a feliz idea de abrir uma subscrição a fim de premiar a força pública pela limpeza admirável que durante estes dias agitados fez nas vidas do cidadão. Quando se uma pessoa enterecida ao pensar nos sentimentos altruistas que se albergam no cérebro do individuo que teve tanta bela lembrança...

Não dizemos mais porque a censura ao nosso pensamento não nos deixa...

**Censura revolucionária** — Quem os tem de fazer surgir a luz da publicidade um suplemento de A Batalha que pela forma ligeira como era redigido constituia um verdadeiro exemplo de moderação...

A censura, porém, foi tão revolucionária que indignada com a nossa moderação nos limpou a página, deixando escapar — por descuido certamente — duas pequeninas locais de cinco centímetros cada.

**Pensamento único** — Quando pegamos na pena para zurrir certos bandidos que andam à solta, um pensamento atroz logo nos atormenta: a censura, a censura, a impiedosa censura. E com este pensamento único, fixo, escarnecido no miolo não há forma de escrever com jeito.

E' todo um trabalho fatigante a dar as palavras uma forma fugitiva, escorregadia para que elas passem sceleres, longe do lapis dos censores.

**Moções de desconfiança** — Vamos a ver se a censura nos deixa entreter com umas piadinhas curtas. Como é público e notório desde que as garantias foram suspensas, suspensas ficaram quaisquer reuniões, a excepção das parlamentares, porque não é impunemente que certas pessoas são pais da pátria. O que, porém, não se consegue proibir é a assembleia de perdais, que todas as tardes, na Praça Luis de Camões, se reúne, discute ruidosamente e mancha os chapéus dos transeuntes com as suas pequenas, redondas e postosas moções de desconfiança...

Do norte ao sul do país ergueram-se milhares de pessoas — almas sofridas, estômagos vãos, cerebros enfraquecidos pela miséria — para num clamor unânime reclamarem pão. Talvez metade dessa gente não tivesse esperança de obter esse pão barato, acessível e desejado — mas, pelo menos, queria gozar o prazer espiritual de fazer ecoar a sua voz de pátria! Pois, meus... esse prazer insignificante foi vedado ao povo!

O que nesta carta deixo escrito — creia, Madame Censura — vem de alma, e é expressão sincera do que sinto. Se amanhã o papel surgir em branco, horrivelmente branco ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de belo de justiça, tem um coração de pedra, fria, gelada, como a lousa branca duma campala.

Acerte, pois, Madame Censura, a expressão verdadeira da minha revolta.

Lisboa, 15 de Agosto de 1922.

Mário DOMINGUES

**Sindicatos Unicos**

Em artigo com esta epigrafe, o camarada A. Gonçalves Dias, de Orlhão, faz uma série de considerações apontando a organização metalúrgica conforme lhe dá na gana, o que nós não extranhámos o quilate de tais lisonjas.

A opinião expendida por este camarada na parte que diz respeito à necessidade de se constituir a Federação da Indústria de Conservas, não é nova, nem eu pessoalmente a contestei, pois opinio também pela organização da indústria de alimentação, do que a conservas é uma secção. E se assim penso é porque não sou partidário do «ou ou».

Sobre a culpabilidade lançada sobre os militantes da nossa indústria de causarem prejuizos e desinteligências, isso é o caso: «caso onde não há ao, todos ralharam e ninguém tem razão». A história da labuta associativa dos trabalhadores de conservas é bem conhecida, por tradição rebelde, e solidários em proveito exclusivo... Sobre deveres e compromissos de ordem sindical e tratados de trabalho, e guerra aberta à mecânica, isso também não é novo e todos nós somos culpados! E talvez, quem sabe? — com a nova fase de organização entrem nos eixos. Todavia devo afirmar, sem receio de contestação, apesar do camarada Dias se abalar na matéria, que o soldador é um metalúrgico, embora de profissão de facillima aprendizagem. Nunca devemos confundir quem lida com metais com

## A conferência de Haia e a Rússia

Decididamente os dirigentes ocidentais estão abaixo da sua tarefa. Todos os seus encontros com os bolcheviques terminam por derrota. O fracasso da conferência de Haia é uma nova prova. Bem entendido, que os órgãos oficiais dos governantes gritam a plenos pulmões que foram os bolcheviques os vendidos.

E gritam-no, porque desgraçadamente, por esta forma mascararam a própria derrota. Sendo por esta forma impedidos a continuarem mostrando-se cegos e por conseguinte insistindo na sua política louca e catastrófica.

Pela sua attitude intransigente ou em face da attitude não menos intransigente dos ocidentais, os bolcheviques levaram a Conferência de Haia a uma rutura. Mas ao mesmo tempo chegaram frente aos governos ocidentais, entabulavam negociações com os capitalistas ocidentais — representantes de grupos financeiros e industriais.

Querem por esta forma chegar a transacções particulares entre grupos capitalistas e o governo russo.

E' indubitável que chegaram a formar estes pactos cujo conjunto será para eles mais vantajoso que um acordo entre governantes ocidentais e russos.

Com efeito os bolcheviques tiram na ocorrência, partido da lei económica existente em regime capitalista: a lei da oferta e da procura.

Vão pôr em concorrência os diversos grupos capitalistas que aspiram as mesmas concessões petrolíferas, carboníferas, algodoeiras, etc., na Rússia. E dá-las logo a quem mais oferecer.

Esta situação favorável aos bolcheviques não escapou a certos dirigentes do Ocidente. E pretendem por-se-

lhe por um acordo franco-britânico. Este acordo teria por fim, como o indica Le Temps, «impedir que acordos particulares de agrupamentos privados viessem lesar os interesses gerais cuja salvaguarda lhes está confiada». Ledo antes: «lesar os interesses particulares que representam sob a capa de interesses gerais de que têm a salvaguarda» e teriam uma expressão mais exacta da realidade.

Este acordo franco-britânico parece-me irre realizavel posto que certos agrupamentos britânicos fizessem pressão neste sentido.

E' irre realizavel por causa da fome do petróleo e também do algodão britânicos. Além disso os bolcheviques podem sempre agir como uma ameaça a sua propaganda nacionalista na Asia, coisa que o imperio britânico teme com razão.

Por conseguinte este é obrigado a procurar um acordo com o governo russo. Não concluirá portanto qualquer acordo com o governo francês para intervir nas transacções particulares com o governo russo e para as dificultar.

Também não é duvidoso que daqui a algumas semanas o público terá conhecimento de que o governo da Republica Federativa dos Sovietes Russos concluiu acordos com grupos capitalistas da Grã-Bretanha, da Italia e dos Estados Unidos.

O Temps espera que estes acordos serão feitos com grupos industriais e financeiros: E espera-o porque crê que estes industriais terão o espirito mais realista que os financeiros. A sua esperança é vã.

O industrial está para com o financeiro na mesma relação que o técnico para com o administrador de uma sociedade industrial.

Quero com isto dizer: o patrão, o senhor do industrial é o financeiro.

Aquele não é indiferente deste sentido com a condição de proceder e de ganhar como financeiro.

Ora o financeiro tem vistas muito mais largas, muito mais gerais e de conjunto que o técnico e os industriais, metidos na sua especialidade.

E assim, pela força das circunstâncias, será como financeiros que os acordos particulares capitalistas se farão com o governo bolchevique.

Simplemente estes acordos — que se farão entre capitalistas e bolcheviques — não terão em nenhuma conta as condições russas de antes da guerra e da guerra. E os pequenos portadores de títulos russos que tinham probabilidades de recuperarem, pelo menos parcialmente, o dinheiro que emprestaram ao czarista, verão frustradas as suas esperanças graças à politica espoliativa de Bloca Nacional Francês.

Quanto aos capitalistas de outros países, concessões na Rússia czarista, durante os pradores depois de 1918, de que os nobres russos se deve saber — de posição e tratar com os russos quando reconhecerem esse para reaverem uma parte dos seus investimentos.

E toda esta operação financeira e politica terminará como todas as outras os pequenos pagaram pelos grandes.

La Fontaine tinha razão quando expunha, numa das suas admiráveis fábulas, esta moral real, que será sempre a mesma enquanto existir o regime de classes que só aos ricos dá o poder.

Augusto

## Carta aberta à "madame" Censura

Minha Senhora: Todos lançam contra o seu nome suave, doce e subtil, como um beijo ingenuo de criança — Censura — os insultos mais violentos, as blasfêmias mais baixas.

Todos tem maculado a sua honra, atirando contra o seu rosto oculto, mas belo certamente, as frases mais contundentes e ofensivas.

Dizem que você, bela e harmoniosa, tem estado amancebada com todos os tiranos, com os grandes exploradores, com esses que, através dos tempos, vem esmagando os pobres, semeando a desventura pelos campos onde o trigo deveria crescer alto e louro, amordagando as bocas que pretendem erguer ao azul diafano no horizonte, o grito delirante da Liberdade!

Você bem o sabe: eu sou um revolucionário; amo a bondade e combato a mentira; adoro a verdade e desejo viver, feliz, em paz e em beleza. E talvez, porque tenho o fraco imperdoavel de me amedrontar estasiado perante tudo que é belo, livre e bom, sinto pela mulher um amor imenso, puro, feito de fraternidade, de elevada solidariedade.

Habituei-me à formosa idea de que a mulher possui um tesouro incomparável, formado das pedrarias mais ricas e deslumbrantes: bondade extrema, ternura infinita, tolerância franca e consoladora, risos luminosos que bafejam a alma e aquecem os lares; lágrimas silenciosas que redimem todos os crimes, que suavizam a dor e a transformam em tristeza simples e leve, que nos melancoliza docemente, como um sol-pôr sereno no ambiente tépido da primavera!

Se a mulher fosse assim como a ideia — e quero, eu não posso acreditar que

você, Censura, ao mutilar o rasgado pensamento humano que deseja voar muito alto, num mundo ideal de ventura e amor, não sinta remorsos impiedosos causticando-lhe o coração; no momento cruel, em que o seu lapis azul corre veloz sobre o papel, inutilizando para todo o sempre, remetendo para o silêncio os brados angustiosos dum povo que reclama pão, eu não creio que os seus olhos fascinantes de mulher bela, eslingica e silenciosa, se mantenham secos, duros e metálicos e nem uma lágrima, sequer, embacie o seu brilho fulminante.

Diga-me, madame Censura, diga-me com toda a sinceridade: tem você a nitida noção do mal que faz, dos rancores que cria e dos odios surdos, mais perigosos e ferozes, porque crescem e tomam vulto gigantesco na sombra profunda, que semeia, quando brutalmente amordaga as gargantas dos párias? Sabe você quanto dói — uma dor imensa, insuportável, desesperante, formidável — o querer-se dizer e não se dizer, ansiar-se por gritar, clamar, e sentir que alguém cruelmente, odiosamente nos lança as mãos à garganta e nela atoga todos os gritos, todos os desabafos?

Você desconhece o que é ter-se razão, sentir-se que se está de posse da verdade e quando se deseja proclamar essa verdade, essa razão — a nossa voz não soar, não ter eco, surgir muda e branca, dum alvura cegante, misteriosa, dessa alvura que você costuma pintar os nossos jornais, onde as letras negras e alinhadas deveriam soar como clarinas num alvoroço de revolução! Ah, minha cruel amiga, você não sabe o que é sentir nos lábios, prestes a pro-

ferir formosas palavras de amor ou verdadeiras frases de revolta, a pressão asfixiante da mordida!

Que desordem moral a mordida causa ao oprimido, ao amordagado! Chega a parecer inacreditável que tal desordem, delirante, febril seja provocada em nome da ordem...

Do norte ao sul do país ergueram-se milhares de pessoas — almas sofridas, estômagos vãos, cerebros enfraquecidos pela miséria — para num clamor unânime reclamarem pão. Talvez metade dessa gente não tivesse esperança de obter esse pão barato, acessível e desejado — mas, pelo menos, queria gozar o prazer espiritual de fazer ecoar a sua voz de pátria! Pois, meus... esse prazer insignificante foi vedado ao povo!

O que nesta carta deixo escrito — creia, Madame Censura — vem de alma, e é expressão sincera do que sinto. Se amanhã o papel surgir em branco, horrivelmente branco ante os meus olhos, — a dor de uma punhalada, para mim, não seria mais pungente do que essa alvura cruel. Eu terei a impressão de que você, a quem desejaria fazer vibrar num sentimento de belo de justiça, tem um coração de pedra, fria, gelada, como a lousa branca duma campala.

Acerte, pois, Madame Censura, a expressão verdadeira da minha revolta.

Lisboa, 15 de Agosto de 1922.

Mário DOMINGUES

**Feridos por explosão**

Na sala de observações do hospital de São José deu ontem entrada Francisco Faria Franco, de 9 anos, filho de Joaquim Faria Fortunato e de Maria José Franco, natural do lugar de Eira Velha, concelho de Torres Vedras, o qual, tendo encontrado ontem um morteiro que não explodiu, ao tentar lançá-lo novamente, este explodiu-lhe na mão produzindo-lhe um grande ferimento na mão direita, deixando-o também muito queimado no rosto e peito.

## Ecos da greve geral

Federação Nacional da Construção Civil  
NOTA OFICIOSA

Camaradas: A vossa Federação depois de ter ultimamente apreciado a fase do movimento, bem como as deliberações do comité central, aconselha-vos a retomar imediatamente o trabalho, certos de terdes cumprido o vosso indeclinavel dever, contribuindo para que de algum modo fosse melhorada a precaria situação económica em que todos aqueles que produzem se encontram. Circunstancias de momento, e ainda atendendo ao vosso sacrificio material, levaram esta Federação a indicar-vos este caminho, deixando no entanto que a comissão de demarches continue no cumprimento da sua missão, no sentido de que alguma coisa de pratico se possa reivindicar, após 8 dias de luta que tão nobremente o operariado local, e muito especialmente os componentes da nossa industria, soube enfrentar para conseguir o objectivo em vista.

Camaradas: A história deste tão belo movimento far-se-há quando a censura nos deixar falar claramente, e só então vós podéis avaliar da sua importância e fazer os comentarios que entenderdes. Agora deveis retomar o trabalho como vós aconselha a vossa Federação, convencidos de terdes alcançado a vitória moral do movimento.

**O Sanatório dos «reporters»**  
A sub-comissão encarregada de elaborar o parecer sobre a construção do Sanatório dos «reporters» avistou-secom o sr. Adelino Correia Gadanho que teve a amabilidade de oferecer um terreno que mede 14.000 metros quadrados.

No proximo domingo irá a comissão visitar o local a fim de colher impressões para o parecer que será elaborado numa reunião da mesma comissão, que se realizará no dia 22, na rua das Gáveas.

O parecer será presente ainda este mês numa reunião magna dos reporters.

**Trabalhadores:** Lêda e divulgada a NOVELA VERMELHA

guirá em beneficio dos componentes da industria que representa.

A Comissão Administrativa

**Federação Metalúrgica**

De harmonia com as resoluções do «comité» grevista, esta Federação aconselha a todos os seus federados a voltar ao trabalho, aguardando o cumprimento da missão de demarches obediência ao governo a satisfação das justas reivindicações do povo trabalhador, não deixando a mentosa questão do pão.

**Sindicato Unico do liário**

Este Sindicato, depois da demonstração feita por todos os operários desta industria — não obstante a falta de quasi cinco meses contra o patronato — de harmonia com a deliberação da U. S. O., aconselha a voltar ao trabalho, hoje.

Agora que todos souberam conscientemente lutar pela dignidade da profissão Operária, nesta luta de resistência causadores da miséria pública, não se cometa a mesma actividade e com o mesmo ardor, não esquecendo os que já estão na linha de holocausto à malícia e à prossecução na sua luta diária, acatando a orientação do comité central da greve.

**O encerramento da sessão**  
Uma comissão delegada da Federação procurou ontem o governador para o fim de conseguir a reabertura da C. G. T., U. S. O., e diversos organismos que se encontram encerrados.

Segundo dito por aquela autoridade, o assunto era da competência do Conselho da 1.ª divisão militar. Foi também procurado o presidente



Um pouco de tudo

CALENDÁRIO DE AOSTO

T.	1	3	15	22	20		O SOL
Q.	2	9	16	23			parece às 5
Q.	3	10	17	24	31		Desaparece às 11
S.	4	11	18	25	—		
S.	5	12	19	26	—		
D.	6	13	20	27	—		
S.	7	14	21	28	—		

**FASES DA LUN**

L.	C.	dia	7	às	14
Q.	M.	às	15	às	20
L.	N.	às	22	às	29
Q.	C.	às	29	às	11

**MARÉS DE HOJE**  
Praiamar às 8,19 e às 20,52  
Baixamar às 1,21 e às 13,40

**CAMBIOS**

Países	Moedas	Ao par.	Otom.	
			Comp.*	Ver.
Alemanha	Marcs	55	8014	
Austria...	Corôns	12,1	—	
Bélgica...	Francos	17,8	14005	
Espanha	Pesetas	17,8	28055	
E. U. A.	Dólares	92,4	139,243	
Francia	Francos			

Holanda..	Francos	£17,8	14049
Flórida..	Flórida	\$37,2	54140
Inglaterra	Libras	£450	686000
Itália ....	Liras	£17,8	6603
Suíça ....	Franco	£17,8	24522

**CARTAZ**

S. CARLOS. — A's 21,15—2.ª represe

COLISEU.—A's 21.—Companhia de Operações Italianas.—Viuva Alegre.  
EDEN THEATRO.—A's 21.—«As duasotas de Paris».  
S. LUIS.—A's 21.50.—«A revista de Pedreiros».  
APOLO.—A's 21.30.—«Pica-Pau».  
MARIA VITORIA (Feira Mayer)—21 e 23.30.—«Lua nova!».  
CIRCO ROYAL (Feira Mayer)—A's 21 e 23.50.—Companhia equestre.  
GIL VICENTE.—AN. 21. 21.30.

SALÃO POZ—A's 21,33.—«Variedades».  
OLIMPIA—Animatógrafo.  
CONDES (Avenida).—Animatógrafo.  
CENTRAL (Avenida).—Animatógrafo.  
ROSSIO (Arco Bandeira).—Animatógrafo.  
CHANTECLER (Avenida).—Animatógrafo.

IDEAL (Loreto).—Animatógrafo.  
EXCELSIOR (Teatro dos Anjos).—Espetáculos cinematográficos. As 20, 30.  
PROMOTORA (ao Calvário).—Animatógrafo.

MOVIMENTO MARÍTIMO

*Navios a sair*

	DIAS	DESTINOS
Plutarch .....	16	Baia. Rio de

Paraguay, .....	16	neiro e Santa Madeira, Brasil Argentina.
Caxias, .....	16	Vigo, Southamp Havre, Anvers Hamburgo

Alba .....	17	Brasile Argentina
Curvelo .....	18	Portos do Bras
Desna .....	19	Brasile Argentina
Gelria .....	21	Las Palmas, Br
Wangoni .....	23	sil e Argentina
		Tenerife, Las P

Clan Manneil ..	24	mas e Beira
Dolbein .....	25	Lourenço Marques
Farlanza .....	29	Brasil e Argentina
Deitland .....	30	Madeira, Brasil e Argentina.
		Portos do Brasil

Las Palmas, B.  
e Argentina.

VÁRIAS

Niquelagem do aço.—Depois de

que se querem niquelar, revestem-se de uma camada de protoclorreto de estanho e logo a seguir de uma solução amoniacal de sulfato de cobre. A cama-

e cobre assim obtida adere de modo aos objectos, que se podem friccionar e polir à vontade, sem que o cobre se solte. Prepara-se a solução com uma parte de cloreto

tanho cristalizado e duas partes  
cido clorídrico. Prepara-se a soluç  
e cobre a desasseis partes de água  
tando amoníaco em quantidade s

**Para enegrecer o latão.**—Dissolva-se em 20 partes de água destilada

75 partes de amoniaco, agitar muito e mergulhar neste banho durante alguns minutos os objectos que se querem enegrecer.

Operar a frio, lavar em água e secar em serradura. Cozer os objectos de liça numa solução de sulfato de cobre (1 parte) e água (2 partes). Juntar a essência de casca de laranja.

**Verniz preto para o ferro e aço**  
Em 100 gramas de essência de terebinto

Em 100 grammas de essencia de tartarizina, dissolvem-se 15 grammas de cafe; logo que este estiver dissolvido, passa-se uma ligeira camada desta composiçao pelos objectos que se querem

vernizar, ou então mergulham-se nelas e deixam-se escorrer e aquecem-se a uma fumaça de álcool ou de gás; adquirirão assim uma bela cor negra brilhante.

Contra a tosse asmática. -  
 1.º - 1 colher de açúcar candi em pó, o volume dun-  
 do, a mesma porção de leite de ova  
 e uma gema de ovo; bate-se es-  
 ta mistura muito bem e aquece-se em b-

**Salada forte.**—Cosem-se ovos, batidos com casca e noutra vasilha feijão

de (vagens) em bocadinhos. Cortam-se os ovos às rodela e as batatas de casca de descascadas cortam-se em bocadinhos. Juntam-se-lhes o feijão verde cozido e picado de tomate. É muito saboroso.

**Espinhas do rôsto, —** Para fazer, prepara-se o seguinte: Deitam-se

m vidro 30 gramas de álcool, 3  
amas de ácido acético (vinagre) e  
amas de benjoim, deixando estas  
substâncias de infusão durante quinze  
dias. Filtrar e destilar o líquido em 12

3. Filtrase depois e juntam-se 12  
lambas de água de colônia e 180 gra-  
mas de álcool canforado. Unta-se  
isto com um paninho embebido na  
mistura três a quatro vezes ao dia.